

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

VERDADE E MENTIRA¹

Alice Rivaz

Alice Rivaz, nome literário de Alice Golay, foi uma escritora e feminista, nascida na Suíça francófona no seio de uma família protestante e de militância socialista. Autora de perto de uma vintena de obras, iniciou a sua carreira literária com o romance *Nuages dans la main* (1940) e o seu último livro, um diálogo epistolar com Jean-Georges Lossier, foi publicado postumamente, dez anos após o seu desaparecimento aos noventa e sete anos, *Porquoi serions-nous beureux? Correspondance 1945-1982* (2008). Dedicou-se à escrita em paralelo com a sua atividade profissional de jornalista e funcionária internacional. A sua obra percorre vários géneros literários, em que se inclui romance, novela, ensaio, conto, diário e algumas coletâneas da correspondência trocada com Jean-Claude Fontanet, Pierre Girard e Jean-Georges Lossier, destacando-se os textos autobiográficos *Comptez vos jours* (1966) e *L'Alphabet du matin* (1968), os contos *De Mémoire et d'oubli* (1973) e o romance *Jette ton pain* (1987). Ativista a par da sua carreira literária, Alice Rivaz dedicou-se a defender causas sociais, em especial o direito das mulheres à auto-determinação. No texto “Vérité et mensonge”, que constitui um capítulo do livro de ensaios *Ce nom qui n'est pas le mien* (Vevey, Éditions Bertil Galland,

¹ Alice Rivaz (1980). “Vérité et mensonge”, *Ce nom qui n'est pas le mien*, Vevey: Éditions Bertil Galland, pp. 79-83.

1980), trata-se o problema da ação da memória na escrita literária. Em vários aspetos, herdeira da escrita de Proust, este livro reflete o problema da subjetividade literária, em particular o gesto misterioso da criação através da escrita, suscitando interrogações acerca da verdade e da mentira que são expostas no texto selecionado para esta antologia, reflexão que se encaixa no objetivo mais abrangente da indagação acerca da condição da mulher e da escrita feminina, tema recorrente na obra de Alice Rivaz.

Toda a confissão escrita é uma mentira

Italo Svevo

Esta asserção abrupta, à primeira vista sem ambiguidade, mas que dá que pensar, foi inserida por Georges Haldas à entrada da sua obra *Boulevard des Philosophes* onde a encontrei.

O que significa ela? O que há de verdadeiro nesta declaração fulgurante que não devemos tomar com ligeireza?

Valéry, por exemplo, fala a este respeito de “falsificação do real” e, se a memória não me falha, de “falsa sinceridade”. Neste curioso processo de memorização através das palavras, a impostura – se é que se pode aqui com propriedade falar de impostura, o que é plausível – residiria muito mais no que não se põe em palavras, logo é ocultado, do que naquilo que é dito e mostrado através da escrita, uma vez que as omissões são fruto de uma escolha possivelmente mais coerente e consciente do que os acrescentos, que resultam do correr da pena e do jogo da imaginação. Em todo o caso, é necessário fazer uma escolha nessa cornucópia da abundância que é a memória. Ora, escolher é forçosamente também rejeitar. Escolher é privilegiar os elementos de um passado em detrimento de outros que são deixados na sombra, é pôr a descoberto certas recordações e calar outras usando critérios mais ou menos identificáveis. E tal acontece por vezes apenas por questões do humor do momento, do tempo que faz, da vontade de embelezar,

de tornar mais sombrio ou luminoso o quadro que as palavras retiram das trevas, de o situar num certo clima, de acentuar as suas linhas e ângulos ou, inversamente, de as suavizar ou até apagar. Tudo ocorre, num primeiro momento, por vezes sem que quem escreve tome consciência disso, embora nem sempre seja assim. Não se tratará, nestes casos, daquilo a que Svevo chama mentira e Valéry, falsa sinceridade?

Note-se que estas escolhas e estas rejeições se realizam a partir da matéria que é conservada pela memória, que, por sua vez, não deixa de estar sujeita a transformações, segregações, dilatações ou reduções que lhe são infligidas por uma combinação do tempo, do esquecimento e da imaginação deformadora e multiplicadora. Sem que tomemos consciência disso, a própria memória escolhe, rejeita, dispersa ou aproxima os elementos que a cada minuto vêm colar-se, por assim dizer, às paredes do cérebro. Ela só conserva uma ínfima parte daquilo que vivemos a cada segundo. Essa pequena parcela vai juntar-se a tudo o resto que anteriormente fora triado, reduzido ou, ao contrário, empolado e multiplicado, e funde-se ou absorve-se nele modificando-se, por seu turno, como a reação de um corante ou de um dissolvente. É sobre essa matéria que, sem darmos por isso, é constantemente alterada, essa espécie de terreno acidentado, coberto de escombros e escavado de buracos e de atoleiros, que se vai exercer a honesta vontade de sinceridade daquele ou daquela que se narra a si mesmo, e ao narrar-se espera encontrar-se e jurar obediência à verdade. De facto, só se pode avançar por saltos, em ziguezague e na incerteza, na imprecisão e na insuficiência. Seguir por altos e baixos, por pausas e frases apenas aproximativas face à realidade inatingível, mas também através de silêncios, como que teleguiados – ponto que me parece importante – por um poder oculto e inspirador, mais imperativo que qualquer outro, precisamente o da linguagem e da escrita que opera no abismo, não se sabe bem como – tal como não o saberá quem escreve e quem o lerá –, obedecendo a impulsos incontrolláveis e a razões que a razão desconhece.

Sob essa pressão e essa vontade obscura, mas imperativa, a matéria trabalhada e a forma em construção vão finalmente endurecer, coagular e moldar-se em determinadas imagens e não em outras. A percebemo-nos então de que esta linguagem e esta escrita acabaram por extrair de nós uma verdade até aí escondida porque existia apenas de forma esparsa e em estado de moléculas dispersas na argila grosseira da realidade aparente, como se se tratasse de notas, nunca antes reunidas ou ouvidas, de um canto tão profundo que temos dúvidas em reconhecer como nosso e que jamais teria aflorado aos nossos lábios sem a mediação da escrita. Talvez sem elas não tivéssemos ouvido nitidamente esse canto secreto no fundo do nosso ser nem o som da voz que no-lo revela e que parece conhecer-nos melhor do que nós próprios. Não se trata da nossa voz habitual, daquela que misturamos ao concerto do quotidiano para o qual nos convida a sociedade e o jogo das relações humanas. Então, por que razão sentimos que ela é a mais íntima e a única verdadeiramente nossa? É para a trazer à tona que a escrita, de maneira confusa e abrindo caminho, se fixa em torno de certos eixos e sobre determinadas protuberâncias das nossas memórias e não de outras que ela aplaina, apaga e relega para um canto, negligenciando não necessariamente aquilo que é inútil, fútil ou insignificante, mas por vezes mesmo o que perturbaria o projeto confuso de um “dito” quase autónomo, que então é animado de uma vontade interior de realização e de significação, qual grão em devir que não adivinha – e como o poderia adivinhar? – que se tornará um dia tal árvore e não outra.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

ANA PAIVA MORAIS

Universidade Nova de Lisboa